

# A MELHOR IMAGEM



Foi autenticamente a «final da amizade» aquela que o Benfica e a Académica disputaram ontem no Estádio Nacional. E testemunho eloquente de fraternidade e são desportivismo é o que a imagem apresenta com os jogadores das duas equipas envergando as camisolas dos adversários no termo do encontro

## A TAÇA PARA O BENFICA

# UM FINAL EMOTIVO NA «FINAL DA AMIZADE»

• **Benfica, 2-Académica, 1**

1. Não, não foi exactamente a «final» que se poderia esperar. Ou por outra: foi uma final diferente. O espectáculo viveu muito da incerteza do resultado, da multidão que o presenciou e do entusiasmo dessa multidão. Mas o jogo, em si próprio, no duelo entre duas equipas categorizadas e que se apresentavam em boa condição, só para o final conheceu a animação total.

Não que faltassem ao jogo alguns períodos de excelente futebol, especialmente por parte do Benfica, cujo ataque teve lances admiráveis, mas teve, também, «perdidas» não menos de admirar. Mas também teve a partida capítulos de certa monotonia, longos minutos arrastados, cerimoniais, sem o despique caloroso e vibrante

que é o hábito em jogos decisivos.

O golo de Manuel António aqueceu os últimos dez minutos. Então foi uma «final» igual às outras, plena de animação, de esforço, de lances rápidos e emotivos. Sem deixar de ser a «final da amizade», de um desportivismo exemplar, a terminar na confraternização, na troca de camiso-

lhas, na pose para uma foto em conjunto, vestidos de negro os benfiquistas, de encarnado os de Coimbra.

mate na zona de remate. Não foi, digamos, uma actuação continuada, de brilho permanente. Antes em estilo «pisca-pisca». Com relâmpagos intensos de habilidade e destreza.

## Comentário de

## MÁRIO ZAMBUJAL

2. Ganhou o Benfica e ganhou com irrecusável justiça. Foi, sem dúvida, a equipa de futebol mais amplo, de «associação» mais equilibrado entre as duas funções do jogo: a defesa e o ataque; a mais decidida a procurar a meta que era a baliza do opositor; a que exibiu melhores trunfos, agora que os seus famosos avançados se libertaram da sua não menos famosa «crise de forma».

Esta, uma confirmação do jogo: o ataque do Benfica está outra vez a «render», a galgar terreno sem tardanças, a re-

certo benfiquista na finalização dos seus acertados movimentos.

3. E a Académica? A A ganhar por 1-0 a nove minutos do fim, os estudantes estiveram semidonos da taça. Não se pode dizer que seria uma vitória adequada ao próprio jogo, mas premiaria a sagacidade no aproveitamento de uma das pouquíssimas oportunidades de golo, em contraste com o esbanjamento dos adversários.

Aliás, só vendo as coisas por este prisma se poderia aceitar como sã e escorreita a vantagem então alcançada pelo grupo da Associação Académica de Coimbra. É que, para além da

(Continua na página central)



O golo da vitória do Benfica: impelida pela testa de Eusébio, a bola ultrapassou Viegas e vai tocar as malhas da rede

# O F. C. PORTO CONQUISTOU A «II TAÇA CIDADE DO PORTO»

O F. C. Porto venceu o Slovan e assim conquistou a 2.ª taça «Cidade do Porto». No ano transacto a vitória sorriu à Académica, que agora não pôde estar presente, uma vez que disputava a final da «Taça de Portugal».

O tempo esteve mais uma vez contra o clube organizador, agora com nada menos do que duzentos e setenta e cinco contos de prejuízo. A confirmar-

-se a desolação dos dirigentes portistas, no próximo ano não haverá torneio. A menos que o Município portuense participe, programando-o dentro das festas sanjoaninas da cidade.

Ao F. C. Porto ficou porém o gosto de ter conquistado o troféu por 2-1, como superiorizando-se em vários aspectos ao recente vencedor da «Taça das Taças».



F. C. PORTO-SLOVAN: Nóbrega em despique com um defensor checo

## LEONEL MIRANDA FOI O VENCEDOR DO «PRÉMIO FAMEL-ZUNDAPP»

Ler na última página comentário de AMADEU JOSÉ DE FREITAS nosso enviado especial



O BENFICA CONQUISTOU A «TAÇA DE PORTUGAL»

UM PROLONGAMENTO ENCARNADO

A «FORMA» FÍSICA DO BENFICA APARECEU NO FINAL DA ÉPOCA

(Continuação da 1.ª página)

força do adversário, a turma dos estudantes não jogou, no Jamar, quanto pode e sabe. Os golpes de contra-ataque não tiveram, quase nunca, a destreza e a imaginação que lhes são habituais. A Académica foi essencialmente uma equipa de defesa e de meio-campo, raramente conseguindo distender-se, com a-proósito até à grande área dos lisboetas.

Os estudantes mostraram-se um pouco perturbados, sentindo como que o peso, não só do próprio jogo, mas do resto, o resto que era esse ambiente muito especial que se vivia em torno da sua acção e se vive em volta da colectividade que representam.

4. Na segunda parte o Benfica acelerou. Ou melhor: foram mais frequentes os períodos em que deu ao seu jogo uma vivacidade claramente espinhosa para o adversário. E aí já se podiam fazer contas sobre o que aconteceria no prolongamento, se dele houvesse necessidade — como viria a haver.

Claro que a perspectiva de prolongar o jogo assentava então na crença de se manter o zero-zero que porfiava, teimosamente. Ou isso, ou um golo do Benfica, repetidamente «construído», repetidamente falhado.

Vai daí, estava o Benfica muito descansado, eis que o Manuel António tem uma jogada estupenda, dominando a

bola com o peito entre três adversários, e atirando forte e direitinho. O golo inesperado que permitiu esperar, já com naturalidade, uma sensacional vitória coimbrã. O Benfica é que não esperou nem um momento...

5. A forma como os campeões reagiram ao golpe que os colocava à beirinha do abismo, mostrou com nitidez a sua actual força física e a força de animo para uma recuperação contra-rélgio. Tiveram então certa felicidade, pelo menos a felicidade de se libertarem da infelicidade que em alguns momentos os tocara. Pode ser uma sorte o deixar de ter azar. E foi Simões, que para além de ser dos melhores, se não o melhor dos futebolistas em campo, já tinha á sua conta um robusto numero de oportunidades falhadas, foi esse mesmo Simões quem deu cabo da já esboçada festa coimbrã.

E pronto, aí estava o prolongamento. Não o partir de zero-zero, mas de um-um. O que não alterava nada a perspectiva que era de meio hora um tanto penosa para a Académica e de consumação de uma vitória encarnada. Assim foi. Lutando ainda, generosamente, bravamente, os rapazes da Académica viram-se ultrapassados por um competidor mais rápido, mais forte e seguro de si. A taça ia para o Benfica. Com naturalidade e merecimento. Mas a Académica conquistara também uma

verdadeira vitória. E fizeram a festa juntos..

6. Vários foram os estudantes-futebolistas que se inferiorizaram em relação ao seu próprio valor. Claro que o adversário conta muito, mas Rui Rodrigues, Gerásio, Peres, Vítor Campos, os próprios Nene e Manuel António se bem que mais em jogo — todos estes, e pelo menos estes, são capacíssimos de jogar melhor do que jogaram ontem. Os melhores: Belo (o «imigo» n.º 1 do ataque do Benfica), Vieira Nunes, e Mário Campos e o guarda-redes Viegas.

No conjunto, uma

actuação digna, ao nível de um bom finalista, mas sem a alegria, o irrequietismo turbulento (no bom sentido) que são virtudes da grande equipa de Coimbra.

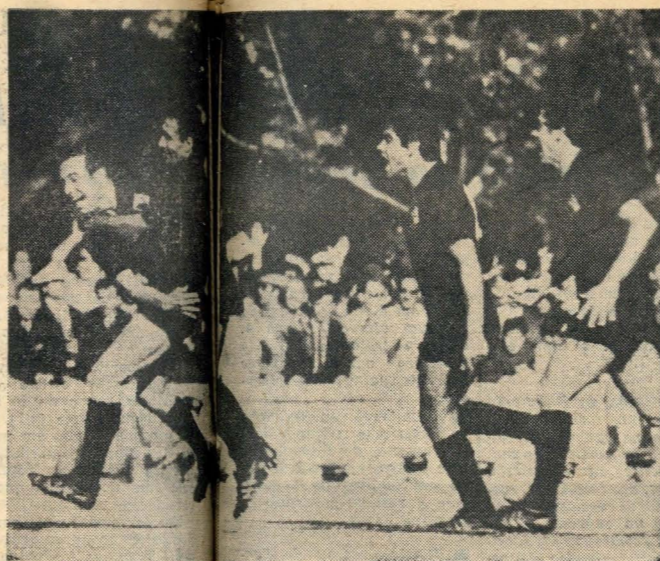
O Benfica... Estranho, este Benfica, que levou três quartos partes da temporada a dar matéria para discussões e acusações de declínio, e que acaba essa mesma temporada sobrebo de força e outra vez a mostrar categoria extra. Na base, ao fim e ao cabo, está o regresso de futebolistas como são Eusébio, Simões e Jaime Graça ao seu verdadeiro valor. E Toni, Zeca, Humberto Coelho,

Malta da Silva e Adolfo, acompanharam-nos em plano satisfatório. Me-nos bem, Abel, Torres e José Augusto. O guarda-redes Henrique, muito enervado por uma decisão do árbitro (aliás inédita a interpretação de Ismael Baltasar da «le-dos quatro passos») que não teve trabalho difícil. O ataque de Coimbra andava longe, quas e sempre.

A arbitragem (o trio) meteu às vezes os pés pelas mãos. Ismael Baltasar teve falhas no julgamento de «cargas» e os seus ajudantes ajudaram-no a errar no julgamento de lances «fora-de-jogo».



O golo de Simões. Quatro minutos após o tento da Académica, a alegria mudava de campo



Festa coimbrã: Manuel António acabara de marcar o primeiro golo da final

«PARABENS, ACADÉMICA, POR ESTA LIÇÃO!»

Palavras do benfiquista SIMÕES

Pronto O jogo acabou e aceitável. O mais 16. Agora, entre abraços e sorrisos (de satisfação, de contentamento, de orgulho) os futebolistas trocam as camisolas.

— É a primeira vez que triunfo um prolongamento em campo, eu, afinal, apenas tinha — garantia Eusébio. E, perante Francisco Calado (que segurava um «zip-zip» na mão) indagou: «Deu ou não deu sorte? Foi canja...»

Conclui: — Neste encontro, a Académica teve muito azar, sobretudo por sofrer um golo em minutos derradeiros, quando não havia tempo para uma reviravolta. Rui Rodrigues (o árbitro) botou o seu nome para participação por demora no reatamento do jogo) conversa com José Augusto (140 pontos por mais uma época vem técnico da Académica, triste e fechado após um ano bonito).

— Foi um grande jogo, um grande vencedor e um grande vencido. Vendo bem as coisas, acho que o resultado até está certo.

Viegas, porém, tinha o não diferente; — O empate (e a obrigatoriedade de novo jogo) se José Henrique (ainda mul-

to nervoso) fazia sinais para determinado local da bancada. Simões chama Serafim com parcimónia: «Você não se importa de tirar uma fotografia connosco?». E Crispim, que trocava a sua camisola enxuta pela usada por José Augusto, gritava para os companheiros: — Está encharcada. E eu que andava convencido de que o Zé Augusto nem sequer suava...

Torres e Toni: um passelo combinado para a tarde de segunda-feira. O «bom gigante»:

— Está tudo bem quando tudo acaba bem. Belo (o «Jack Palance» de Coimbra) abanava a cabeça: — Somos «patos». Tivemos «vista» na mão...

A despedida de Simões: — A minha admiração pelos rapazes da Académica é maior, ainda, da que já sentia. O jogo foi disputado numa altura que não lhes era nada propícia. E, no fim de contas, eles demonstraram um desportivismo exemplar. Muitos parabéns para todos. E pela lição!

NEVES DE SOUSA

...Nada porém «conseguiu» estragar a final. Porque foi, acima de tudo, a «final da amizade».

M. Z.



Nene e Eusébio são as figuras centrais deste lance. Recebem-se ainda Malta da Silva, o árbitro Ismael Baltasar, Simões, Jaime Graça, e Rui Rodrigues

A «II TAÇA CIDADE DO PORTO»

SIGNIFICATIVO TRIUNFO PORTISTA SOBRE O VENCEDOR DA «TAÇA DAS TAÇAS»

BOAVISTA, 0- V. GUIMARÃES, 0 Dominar só não chega

No jogo que decidia os 3.º e 4.º lugares não se fizeram golos. Os vimaranenses alardearam superioridade e dominaram muito, mas se no primeiro tempo as ocasiões de perigo se dividiram, depois foi o Boavista que mais perto esteve de ganhar o prêmio. Germano e Lemos perderam duas ocasiões soberanas.

Os portugueses mesmo ficando em 4.º lugar, pois cederam nada menos do que 17 pontos de canto enquanto o Guimarães só uma vez o consentiu, saíram de

caabeça levantada. Tal como na sexta-feira frente ao F. C. Porto, Quim, Mário João e Tot foram os melhores. O segundo com nova exibição a dizer que a transferência do Felrente foi de sucesso para o novo primodivisionário.

Claro que pela quantidade de jogo sobre a baliza adversária, os vimaranenses pareceram estar quase sempre mais próximos do triunfo efectivo. A exibição sem ser alta, não foi no entanto desagradável. Terão razões do árbitro António Costa ao perdoar ainda antes da meia hora uma grande penalidade sobre Augusto. Mendes voltou a ser o mais perigoso numa equipa onde Manuel, Peres e Gualter, faltando... fizeram falta.

F. C. PORTO, 2- SLOVAN, 1 Um ex-junior na razão do triunfo

Na partida para a escolha do vencedor do Torneio o F. C. Porto principiou mal. E não mal que seria de temer o pior. Aos três minutos Cuetler apregou perigo com um remate potentíssimo que colheu Rui fora da baliza. E no minuto seguinte num choque com Hriznak, Chico ficou no chão. Checos e portugueses accorreram e mãos na cabeça uns e outros denunciaram gravidade para a lesão. O dianteiro português saiu de maca e para o seu lugar entrou João, um ex-junior.

Três minutos depois apa-

Depois do intervalo assinando melhor movimentação e mais codícia com João sempre na brecha, aqui, ali e em todo o lado, agarrando com cunhas e dentes a oportunidade, os portugueses fizeram o 1-1. Culpas e azares para Vencei que ao bater com o pé na relva colocou a bola ao alcance do novo «ariete» portista e este não desaproveitou.

Nem a chuva a cair impiedosa diminuiu o assédio. E sem jogar bem, era difícil, mas fazendo abrir a bem organizada defesa visitante, pela chamada «frente de Pavão ou Rolando», com Nóbrega e até João correndo como extremos o F. C. Porto fez jus ao êxito. A sete minutos do final Rolando, de cabeça, e no seguimento de mais um pontapé de canto fez o 2-1.

Quase no limite do tempo regulamentar Cuetler voltou a fazer o golo mas Caetano Nogueira negara o apito antecipadamente para deslocação, quanto a nós algo duvidosa. De qualquer modo o triunfo do torneio preferiria aos portugueses uma vez que os visitantes cederam doze cantos e os visitantes apenas dois. Mas repitase: embora sem grandes êxitos quanto à qualidade de exibição, o triunfo está certo.

O visitante jogou menos do que no primeiro dia. A sua defesa com excepção de Vencei, muito inseguro nas blocagens, foi o melhor sector e Hriznak, o melhor entre todos. Cuetler formou com Joki o par dos melhores. Confirmou o Slovan o seu poder num futebol de contra-ataque, rápido e perigoso, mas acabou por oscilar pela acção de Nóbrega e João, os dois jogadores que mais deram nas vistas.

De facto nos portugueses, excepção para Valdemar, todos os jogadores parecem longe da boa forma, embora ontem tenha pesado no seu rendimento do pior período — o primeiro — a incerteza quanto à gravidade da lesão de Chico.

E só depois do regresso do balneário quando souberam exactamente obtido por esse jogador com Rui muito adiantado. Só para o final do meio tempo, e sobretudo pelo dinamismo de João, os «azuis e brancos» conseguiram sacudir o perigo, virando a felação da partida.

Caetano Nogueira produziu bom trabalho.

LOBO DA ROCHA



A equipa do Slovan de Bratislava, detentora da Taça dos Vencedores das Taças, sobre a qual o F. C. Porto conseguiu excelente vitória

A SEMANA DESPORTIVA NA EUROPA

LONDRES, 22. — Programa das principais provas desportivas que se realizam esta semana na Europa: SEGUNDA-FEIRA, 23: EM WIMBLEDON — Início do Campeonato de Ténis em Inglaterra.

TERÇA-FEIRA, 24. — EM MOSCOVO — Ciclismo internacional. QUARTA-FEIRA, 25: EM MONTECATINI — Combate de pugilismo entre Carlos Duran (campeão) e Hans Schwartz (pretendente), para o título europeu dos «médios». EM TREVISO — Itália-Austria, futebol de esperanças (jogadores de menos de 23 anos). EM COPENHAGUE — Dinamarca-Suécia, Torneio escandinavo de futebol. EM OSLO — Noruega-Suécia, Atletismo, homens e Noruega-Dinamarca atletismo, seniores.

QUINTA-FEIRA, 26: EM HAMBURGO — Início do Campeonato Europeu de Golfe (por equipas de amadores); EM OSLO — Campeonato Nórdico de Tiro; EM LONDRES — Inglaterra-Índias Ocidentais, críquete; NA CORUNHA — Início do Torneio de futebol (Teresa Herrera).

SEXTA-FEIRA, 27: EM BARI — Torneio Internacional de Basquetebol feminino. SÁBADO, 28: EM FRANÇA — Início da «Volta á França», em bicicleta; EM ERFURTE — Alemanha Oriental-Rússia, decatlo e pentatlo; EM AIX-LES-BAIENES — Concurso Hípico Internacional; EM KONGSVINGER — Campeonato Nórdico de Decatlo; EM ASSEN — Grande Prémio da Holanda, motociclismo. EM ZAGREB — Combate de pugilismo entre Ivan Prebeg e Eddie Avoth, para o título vago de campeão europeu de «meios-pesados»; EM BUDAPESTE — Hungria-Alemanha Oriental, atletismo; EM LONDRES — Torneio «Wills» de esqui aquático.

DOMINGO, 29: EM BELGRADO — Início da «Volta á Jugoslávia», em bicicleta.

receu o golo. Toda a equipa da casa parecia aturdida com a defesa inequívoca e o meio-campo batido pelos lançamentos feitos à direita a fazerem variar o jogo e correr Cuetler de trás à frente a provocar o perigo. O lance repetiu-se e o golo surgiu exactamente obtido por esse jogador com Rui muito adiantado.

Só para o final do meio tempo, e sobretudo pelo dinamismo de João, os «azuis e brancos» conseguiram sacudir o perigo, virando a felação da partida.



Na discussão para os 3.º e 4.º lugares da «II Taça Cidade do Porto» o Boavista e o Guimarães não conseguiram marcar nenhum tento. No entanto, ambas as equipas dispuseram de boas ocasiões como a que a gravura mostra. O guarda-redes vimaranense neutralizou (mas uma vez) os intentos dos dianteiros «axadrezados»



A volta de honra dos benfiquistas, todos, à excepção de Coluna, envergando camisolas da Académica

À MARGEM DO JOGO
• «F-R-A — FRA! F-R-E — FRÉ!». E cantou-se a «Portuguesa».
• Antes do jogo e durante o jogo, a festa foi de Coimbra. No final foi de ambos.
• O Benfica fez mais do que ganhar a partida: ganhou a simpatia e a estima dos estudantes. Porque se integrou perfeitamente nas características de uma jornada inédita. Uma final que poderá ser sempre lembrada como a «final da amizade».